

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 23000 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS**

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

**AVEIRO**

**OS REPUBLICANACEOS**

(QUE É O MESMO QUE LER—ESPECULADORES, FALSIFICADORES, TRAPACEIROS, ISTO É—VENDIDOS)

Apesar de todo o nojo que os miseráveis nos inspiram, as opiniões que professamos e que nunca desmentimos, a tradição que se liga a este jornal de inimigo implacável e sem treguas d'esses tratantes d'esses dirigentes e o nosso dever de republicano obrigam-nos a avançar n'esta missão de vedeta da fé democratica, a não afrouxar na vigilância de todas as falcaturas que se tentem á sombra dos principios republicanos, a só depôr a penna quando a parte sã do povo, ainda que seja em numero reduzido, haja enfim adquirido a certeza completa de que não tem sido senão ludibriada e burlada. Pessoalmente, estamos satisfeitos. Depois de termos accumulado sobre a cabeça dos famosos dirigentes accusações sobre accusações, qual d'ellas mais tremenda e sem que ninguém as desfizesse, depois de lhe termos flagellado a cara com a manifestação das suas pelintras sem que tivessem o minimo valor para nos pedir a responsabilidade d'esse flagellar cruel, depois de lhe não termos visto senão as costas de todas as vezes que os quizemos interrogar sobre as calumnias que babavam nos seus adversarios, calumnias que negavam e renegavam, sempre que suppunham ver um homem pela frente, depois de tudo isso surge-nos o bando a negociar descaradamente tramoiias indecentes com aquellos mesmos que accusam, accusação que no fim de contas os seus ultimos actos confirmaram de desmoralisadores da consciencia nacional e corruptos de todos os principios de honra e de virtude. Quer dizer, foram os mesmos até ao fim—sempre trampolinos e indignos. Morrem nas condições em que nasceram—atascados em lodo até os olhos. E nem uma rapida inspiração de tacto, nem o mais leve scintillar de senso para cobrirem ao menos essa morte com umas apparencias de brio ou uma retirada sem mostras evidentes de refinada covardia!

Pessoalmente estamos satisfeitos, porque estamos vingados. Até lhes nutrimos o mais profundo tedio por serem demasiadamente baixos. Politicamente, é necessario não os deixar acobertados nos beccos onde se pretendem esconder e desfazer perante a razão dos mais ingenuos as perfidias com que os pretendem cegar.

A proposta do sr. Jacintho Nunes não visava a outra cousa senão a acorrentar o partido republicano ao grupo do sr. Barjona de Freitas e a perdê-lo n'uma decidida evolução para a monarchia. Ha muito que os jornaes

monarchicos vinham falando em suppostos accordos entre os chefes da republica e o sr. Barjona de Freitas, sem que os diarios republicanos desmentissem esses boatos d'uma maneira cathorica e formal. Sabem-n'o todos os leitores, não nos deixam em mentira! Quem foi que viu um diario republicano desmentir e repellir as affirmações dos jornaes monarchicos de forma a satisfazer o espirito de quem lia? Ninguém; haja o primeiro que o diga. E se os orgaos auctorizados dos membros do directorio se limitavam a chasquear das affirmações positivas e claras dos periodicos realistas, se respondiam a boatos de tanta gravidade com umas banalidades e evasivas compromettedoras, é porque a consciencia dos seus redactores não estava tão clara e tão limpa que podessem responder com energica altivez a proposições de tal forma deshonrosas. Não estava, não! Tudo isso se sabe. Quem anda em dia com a politica, ou antes com as tricas da politica, não ignorava a verdade das affirmações do jornalismo monarchico, não desconhecia o accordo estabelecido entre barjonaceos e republicanaceos, sabia das condições do pacto e até punha o dedo em cima dos negociadores. Provas tão claras sobre este ponto que não deixem duvidas a ninguém, é certo que não existem. Mas tambem, quem haverá que sem ridiculo as possa exigir? Estes negocios escuros ficam no intimo dos negociantes. Sabem-se muito bem pelas indicições da cotterie ou das antecamaras, mas não se podem provar com documentos que não existem. São contractos falados, não são contractos escriptos.

Entretanto, para adquirirmos a convicção do indecentissimo pacto barjonaceo-republicanaceo não é preciso recorrerem nem ás apparencias nem ao que se diz. Basta que se attente nos factos. Ora, não disse a *Folha do Povo*, em maio passado, que se o rei fosse habil faria o que fez em Italia Victor Manuel? E o que fez Victor Manuel em Italia? Isto apenas:—entregou o poder nas mãos dos republicanos! Não disse a *Folha do Povo*, falando mais claro, e textualmente, que se o rei fosse habil encarregaria o sr. Dias Ferreira de formar um gabinete de conciliação, composto de membros de todos os partidos representados no parlamento? Não disse isto? E depois de o dizer, que verdade e que confiança nos merecem as palavras da *Folha do Povo* quando nega o transformismo da proposta do sr. Jacintho Nunes? Não vêem os ingenuos que depois da *Folha do Povo* ter dito ha tres mezes que o rei de Portugal deveria proceder com os republicanos como procedeu o rei d'Italia, que depois de defender um ministerio de conciliação, composto de membros de todos os partidos representados no parlamento, o facto d'esse jornal negar redondamente as intenções monarchicas dos dirigentes democratas, em lugar de desfazer duvidas e apagar desconfianças, mais vem sobresaltar umas e ac-

cender as ontras? Que auctoridade tem esse jornal para negar o contrario d'aquillo que defendeu ha tres mezes? Postos esses factos, logico, regular e justo não é acreditar o que elle diz hoje, é acreditar o contrario do que diz. Haverá cegos que não vejam, mudos que não ouçam, aleijados de espirito que não acceitem a evidencia esmagadora dos factos. Não importa; para os sensatos é que nós escrevemos, não é para os tolos. E note-se a circumstancia curiosa de que a *Folha do Povo* é o jornal que mais se esfalta em negar o accordo barjonaceo-republicanaceo. Pois quanto mais ella o negar, mais probabilidades elle tem de verdadeiro para quantos pozerem a razão fria acima das exaltações partidarias e para quantos attentarem com bom raciocinio nas contradicções flagrantes da *Folha do Povo* de hoje com a *Folha do Povo* de maio que passou.

Temos, pois, ali, um rasto de luz muito importante n'esta senda tortuosa a que os pontifices republicanos nos querem arremessar. Por outro lado, o nosso correspondente de Lisboa já na carta que domingo publicamos demonstrou n'uma argumentação irrespondível e cerrada a desharmonia flagrante entre os actos e as palavras dos chamados chefes. Como explicar, sem algum acontecimento extraordinario da ultima hora, a reviravolta que soffreram as opiniões do sr. Jacintho Nunes? Impossivel; o sr. Jacintho Nunes não era ha tres mezes partidario da revolução, não vinha declarar ao publico terminantemente que punha de parte as eleições para, sem algum acontecimento extraordinario e occulto que n'este caso não pode ser senão um accordo secreto com qualquer grupo monarchico, modificar em tão curto praso as suas opiniões que seja hoje o mais pacato, melifluo e manso de todos os evolucionistas. Impossivel! O espirito humano, nas suas modificações naturaes e scientificas, não avança tão depressa.

Mas temos mais. Se o sr. Jacintho Nunes é companhia pretendiam sinceramente dar alento e vida ao partido republicano, tinham um outro caminho muito mais adquado ao fim que almejavam do que esse que trilharam. Sabe-se que o partido republicano está minado de dissidencias e discordias. Sabe-se que essas dissidencias, por mais justas e fundamentadas que sejam, não deixam de atrophiar a vida do partido. Antes de mais nada, precedendo qualquer accordo ou combinação, a iniciativa a tomar, para quem anda n'isto de coração, seria a de aplacar as discordias que dilaceram a democracia portugueza. Só iniciado esse trabalho patriótico, só depois de completa essa obra de regeneração, seriam, em ultimo caso, admittidos processos de natureza differente. Repellir todas as reivindicações democraticas, fechar os ouvidos ás reclamações de grupos constituídos e auctorizados dentro da democracia portugueza para ir procurar a salva-

ção do partido republicano nas concessões da monarchia, é de torpes, é d'infames, é de devassos, não é de quem tenta a serio inculir vida nova n'uma agremiação respeitavel.

«Todos os esforços que empregassemos n'esse sentido seriam baldados», exclamam elles. Oh, miseraveis sem nome, que n'isso mesmo demonstraes a infamia das vossas intenções! Como sabeis que seriam baldados, se nunca os empregastes? Só se pela infamia do vosso sentir avaliaes o sentir dos outros. E' possivel. Como a politica republicana não tem para vós senão o fim de vos servir as negredadas ambições, julgaes os outros pela mesma bitola. E então comprehendese a evasiva que allegaes para fugir á responsabilidade de terdes levado o partido a esse estado cahotico em que vive para ahí.

«O directorio, inspirando a proposta do sr. Jacintho, não tinha em mente senão um accordo eleitoral, identico a outros muitos que se tem feito.» Nova allegação gratuita, que cahe logo pela base. Se o accordo eleitoral que pretendiam era identico a outros que se tem feito, como é que pediam auctorisação para fazer aquelle, quando nunca pediram auctorisação para fazer estes? Dá vontade de rir, este puritanismo serodio! Nunca pediram auctorisação para accordos eleitoraes, quando o partido estava em toda a sua pureza e em toda a força da sua propaganda. Agora, porém, que o levaram ao ultimo estado de indisciplina e desalento, é que se lembraram de respeitar as formulas e o decoro da casa! Basta essa allegação infeliz para se reconhecer a trapaça dos malandros.

Mas temos meios muito melhores de a conhecer. Em primeiro logar, a proposta do sr. Jacintho Nunes não se refere a accordos eleitoraes. E' uma proposta velhaça, que sem envolver determinados processos politicos, abrangendo tudo na sua complexidade premeditada e reservada. Era uma verdadeira carta branca que o sr. Jacintho reclamava para o directorio. Approvada ella, o directorio poderia livremente, e sem responsabilidades, fazer quanto lhe aprouvesse. Em segundo logar, para accordos eleitoraes não era necessaria a approvação do congresso, já porque sempre os fizeram sem que levantassem com isso opposição séria, já porque a sancção d'esses accordos é da lei organica do partido republicano. Attentem bem—é da lei organica do partido republicano! Pela organização que presidiu á fundação do actual partido com o primeiro congresso, o directorio ficou armado dos poderes necessarios para negociar esses accordos. Ouviram os leitores? Para negociar esses accordos a bem da democracia todas as vezes que o julgassem necessario. São malandros ou não são malandros?

Em terceiro logar, quem é que viu já e como é que se comprehendesse de accordos eleitoraes sem se saber com que partido e em que

eleições? Os accordos eleitoraes fazem-se nas vespersas d'umas eleições. Quaes são as eleições que se aproximam? Os accordos eleitoraes fazem-se com um partido organizado. Qual era o partido organizado com que os republicanaceos queriam estabelecer o accordo? O partido Barjona-Margal-Fuschini? A mentira, sempre a mentira por todos os lados! Se era esse o intuito da proposta Jacintho Nunes, porque a não formularam clara e positiva n'esse ponto?

Diz um jornal, levando a questão para esse lado, que é o que se presta mais á mentira, que os accordos eleitoraes são tão regulares e praticos que nunca nenhum republicano eminente hesitou em os fazer. E' verdade. Com a differença de que nunca nenhum d'esses republicanos pediu auctorisação ao seu partido para fazer accordos eleitoraes sem eleições e sem partidos com quem os fazer. Gambetta colligou-se com os monarchicos contra o imperio, mas em vespersas d'eleições e explicando os motivos da sua colligação e a propria colligação. Pi y Margall colligou-se com os sagastinos contra os canovistas, mas em vespersas d'eleições e explicando a colligação n'um esplendido discurso proferido em Madrid, e que nenhum republicano deixou de applaudir. Lá faz-se isso. Cá, a *Folha do Povo* combate as colligações quando ellas se realisam, como succedeu com a ultima colligação progressista-republicana para as eleições camararias de Lisboa, a ponto de ser taxada de vendida pelo *Seculo* e defende-as quando ninguém as conhece ou quando ellas não existem. E' a differença. A proposta do sr. Jacintho Nunes, berra o *Seculo* e berra a *Folha do Povo*, não tinha outro fim senão um accordo eleitoral. Mas então para que foi e porque foi que o sr. Jacintho Nunes não expressou isso claramente na sua proposta? Accordos eleitoraes para quê? Quando, em que eleições? Os accordos eleitoraes podem ser muito uteis n'un dia e em certas condições e muito prejudiciaes n'outro dia ou em condições differentes! Accordos eleitoraes com quem? Illudam os papalvos com essas infamias, mas não pensem um instante que illudem a gente de senso, que vos ouve e vos contempla!

Não; não comparem os Consiglieris Pedrosos, os Magalhães Limas, os Jacinthos Nunes, os Theophilos Bragas e quejandos com os Gambettas e os Pis. Não profanem esses nomes venerados e venerandos. Comparem-nos antes com os Cairolis, com os Monteros e com os Martos, que é mais cabida a comparação. Com esses, sim. Com esses, que a evolução para a esquerda dymnastica portugueza é em tudo comparavel com a evolução dos republicanos hespanhoes para a esquerda dymnastica affonsina. Tambem Martos negava a pés juntos que estivesse em accordos com a monarchia. Tambem os seus orgaos na imprensa *La Prensa Moderna* e *El Progreso* explicavam a attitude do patrão por com-

binhões favoráveis á democracia. Lembra-nos até neste instante uma circumstancia curiosa. Quando os jornaes hespanhoes e os circulos politicos affirmavam a conversão ao monarchismo, de Martos, Montero Rios, Echegaray, Becerra e outros, o primeiro, como mais considerado e talentoso, declarava n'uma reunião politica, em outubro de 1882, que nunca, por cousa alguma, ainda que ella fosse muito grande e patriótica trocaria o campo republicano pelo monarchico, mesmo que soubesse que encontraria n'este mais do que n'aquelle as suspiradas liberdades. Quando os seus eleitores republicanos de Valencia foram a Madrid commissionados interroga-lo sobre os boatos que corriam a seu respeito, Martos respondeu altivamente: «Não estou resolvido a fazer parte da esquerda dynmástica, mesmo que o rei restabeleça a constituição de 1809. Que se passem para a monarchia os que teem fé nas suas liberdades. Eu é que me não passo, porque lhe perdi a fé para sempre em 11 de fevereiro de 1873.»

O mesmo diziam os seus amigos, o mesmo diziam os seus jornaes no referido mez d'outubro de 1882. Entretanto mezes depois os redactores d'esses jornaes eram governadores civis da monarchia, os amigos do sr. Martos ministros e embaixadores de Alfonso XII e o proprio sr. Martos, hoje presidente da camara dos deputados, elevado ás ultimas eminencias da politica.

Povo, não te esqueças da que tens na politica republicana portugueza muitos pontos de contacto com a politica republicana hespanhola d'esse tempo! Não te esqueças e verás em pouco que os teus maiores carrascos foram os ultimos teus servos e os teus maiores aduladores.

## A PENNA DE MORTE

Se o criminoso se colloca a par da fera nos perigos da socialidade, não ha razão nenhuma para que se poupe o criminoso não se poupando a fera. Se se mata o tigre, porque o tigre pode matar o homem, porque se não ha de matar aquelle que, mais abjecto de que o tigre, porque enquanto o tigre mata por instincto de conservação o outro mata por espirito aberrante, se entretem no prazer nefando de tirar a vida aos que lhe são semelhantes? Se se matam animais mesmo sympathicos, d'alto merecimento e d'alta utilidade como o cão e o cavallo, simplesmente porque o primeiro atacado de hydrophobia e o segundo atacado de mormo põem em risco a existencia humana, porque se não ha de matar o criminoso instinctivo que, alem de nos fazer correr o mesmo risco, é a vergonha e a degradação da nossa especie? Se o homem, em nome d'esse grande e generoso instincto da procreação e d'esse outro que lhe anda inherente,—o da lucta pela existencia, sacrificando tudo á sua conservação, começando pela existencia d'animaes que em absoluto teem tanto direito á vida como elle, porque não ha de proceder na mesma conformidade com os zangões que, não só sugam o mel da grande colmeia humana, como a deshonram e a mancham com o assassinato dos mais uteis, dos mais benemeritos, dos mais puros, dos mais trabalhadores?

Era esta a argumentação e a defeza dos nossos artigos anteriores. Argumentação que pode ser mais ou menos discutiavel, mais ou menos verdadeira, mas que é raciocinada e fundada. Pois o illustre, magnanimo e grande sr. José Carvi, isto é, aquelle mesmo que os leitores já viram não passar d'um parvo alegre, em lugar de nos mostrar o absurdo, o erro e a infelicidade das nossas conclusões, prefere chamar-nos igno-

rante atrevido por cousarmos afrontar e contestar a erudição dos sabios e as suas conclusões definitivas. Ora como, e porquê, ouzamos nós, nós que julgavamos falar apoiados na sciencia, afrontar e contestar a erudição dos sabios e as suas conclusões definitivas? Porque, fala o illustre José Carvi, ca pena de morte, como tantos outros principios, não pertence aos nossos dias. Porque não tem justificação alguma, nem perante a consciencia humana, nem perante a razão. Porque está condemnada pela opinião geral das massas. Porque no dia em que desaparecerem os exercitos permanentes, os thronos e os altares, a força ou a guilhotina, que pelo terror os aguentava, sumir-se-ha para sempre do seio da humanidade. Porque a sociedade é bastante forte e bastante justa para não descer a degradar-se como o assassino, que, por vicio ou enfermidade, mata o seu igual. Porque todo o crime tem uma causa e essa causa affecta quasi sempre mais o meio social do que o criminoso. Porque alem d'isso, se a justiça supplicia um innocente, o que não será raro, desde que a tendencia geral é condemnar os pobres e absolver os ricos, como é que a sociedade pode reparar esta pena?

D'onde se vê que os sabios não passam do Grão Lama e respectiva corte e as suas conclusões definitivas das larachas da rua do Arsenal. Sim; porque, para que se visse e fosse claro a todos os leitores que affrontavamos e contestavamos a erudição dos sabios, era imprescindivel que o Carvi desenvolvesse a referida erudição. Porque, para que a evidencia fosse manifesta sobre a nossa supposta contestação ás conclusões definitivas dos mesmos sabios, tornava-se preciso que o redactor do *Combate* nos explicasse as taes conclusões. Mas se em lugar d'isso não passa, como não passou, de meia duzia de phrases de sentimentalismo esgotado, só por meio do desarranjo mental, com que nasceu, podemos explicar a petulancia com que chama aos outros ignorantes. E' um tolo, mas como não nos consta que tenha dado em larvado, deixa-lo barafustar, já que é inoffensivo. Limitemo-nos apenas a escovar-lhe a pelle com uma vassoura de piassá.

Segundo a moderna escola scientifica, podem-se dividir os criminosos em dois grandes grupos — criminosos instinctivos ou delinquentes natos e criminosos apaixonados ou delinquentes por impeto d'exaltação d'espirito. Os primeiros são seres anthropologicos inferiores ou degenerados da especie. São umas feras, perfeitamente as feras de que falámos no principio d'este artigo, sem nenhuns dos sentimentos delicados que caracterizam a especie. Não são susceptiveis nem de cura, nem d'emenda, nem de regeneração. Ferri disse d'elles, no ultimo congresso d'anthropologia: «o criminoso instinctivo caracteriza-se pela ausencia innata do sentimento moral e pela imprevidencia das consequencias das suas acções, de que derivam a insensibilidade physica e moral para os soffrimentos e damno das victimas, de si proprio e dos cumplices, o cynismo e a apathia que manifesta no decorrer dos processos e nas penitenciarias, a não repugnancia á ideia e á acção criminosa antes do crime e a ausencia de remorso depois do crime.»

O dr. Sergi, professor d'anthropologia na Universidade de Roma, notava nos criminosos instinctivos em um magnifico relatório dirigido ao mesmo congresso «frequencia d'anomalias, monstruosidades morphologicas, estados morbidos geraes e especiaes, doenças do systema nervoso e particularmente do cerebro. Estes factos teem uma significação muito importante, e, para os estudar, distingui-los-hei em tres especies: — degeneração atavica,

degeneração primitiva e degeneração secundaria ou adquirida. Na degeneração atavica reproduzem-se as formas ou estruturas que não são humanas, que pertencem á animalidade inferior. Este atavismo é préhumano, é uma sobrevivencia das especies inferiores. O atavismo da estrutura é um phenomeno de regressão, uma sobrevivencia da animalidade inferior; a funcção correspondente é tambem um phenomeno d'atavismo, um phenomeno regressivo. Se a funcção tem, pois, o mesmo character da estrutura o criminoso que tem signaes atavicos é a degeneração do typo humano no typo estal. Podemos, por consequente, afirmar em absoluto que, no crime, ha sempre a decadencia do typo humano no typo da besta pelas maneiras que se seguem:

1.º Na regressão atavica, em consequencia d'um estacionamento physico.

2.º Na degeneração primitiva, em consequencia d'um desenvolvimento pathologicamente incompleto.

3.º No atavismo degenerativo humano, em consequencia d'uma organização já inferior ao nascer.

4.º Na degeneração secundaria, por retrocesso de desenvolvimento.

5.º Na perversão das funcções, pelo despertar do character atavico.»

Paremos aqui, que é o ponto inicial das nossas opiniões e das nossas doutrinas sobre a responsabilidade criminal. E' tão vasto, tão difficil e tão complexo este assumpto, que teriamos d'encher o jornal todo para responder convenientemente, não aos absurdos do sr. José Carvi, que esses estão respondidos por si proprios, mas ao falso humanitarismo de que por ignorancia tanta gente se reveste. E como a questão vale muito, como vale immenso pelo lado sociologico, como é transcendente no instante actual, desenvolvemo-la-hemos tanto quanto seja compativel com o character d'um periodico em dois ou tres artigos seguidos. E assim, prestaremos dois serviços: o de propagar na opinião publica principios racionais e justos, que ella em grande maioria não conhece, ou se os conhece, conhece-os adulterados e sophismados por meia duzia de pedantes que se dizem directores mentaes da sociedade portugueza, e o de lançar á insignificancia em que deveria ter sempre vivido, um outro que se dizia Messias da sociedade portugueza.

Hoje chegamos a este ponto: — os criminosos instinctivos, os delinquentes natos, são uns monstros, umas feras. Não ha duvidas a tal respeito na sciencia. As opiniões auctorizadas de Ferri e de Sergi, estão sancionadas, no mesmo relatório em que as lêmos, pelas assignaturas de Lambroso, de Lacanague, de Kraepelin e de Albrecht, e são tambem as opiniões scientificas d'essas grandes autoridades que se chamam Maudsley, Casper, Tardieu e Legrand de Saulle. São mesmo as opiniões do dr. Senna em Portugal. Os criminosos natos são degenerados, são seres inferiores, são o typo da besta!

Posto isso, esperemos pelos numeros seguintes para nos rirmos das conclusões definitivas do sabio da rua do Arsenal. E temos algumas esperanças de que no fim, elle proprio se ha de convencer de que não passa d'um nullo.

## CARTAS

Recebemos as curiosas cartas que se seguem. Por ellas se vê a mentira com que o *Seculo* e a *Folha do Povo* falam da harmonia que houve no congresso. Por ellas se vê a maneira atrabiliaria e desordenada como o congresso foi composto. Por ellas se avalia o espirito tolerante dos grão senhores da Republica. E por ellas se co-

nhece do voto unanime de louvor que, segundo o *Seculo*, foi concedido ao directorio.

A trapaça, a trapaça, sempre a trapaça.

Illustre correligionario:

Tendo visto no *Povo de Aveiro* uma noticia relativa á votação da proposta do sr. José Jacintho Nunes, tenho a declarar que nem o sr. Castello Branco, nem o sr. Branco Malhoa, representavam o *Centro Republicano do Calvario*.

Esta aggemiação elegeu como seus representantes ao congresso, o sr. Lobato d'Abreu e a minha humilde pessoa. O sr. Abreu não tomou parte nas sessões, e substitueceu a sua procuração no sr. Castello Branco.

Não sei qual o motivo que levou o sr. Lobato a proceder d'esta forma. O *Centro Republicano do Calvario* elegeu os seus delegados por meio de escrutinio, e, desde o momento que qualquer dos eleitos não podesse cumprir os desejos da assembleia, devia partici-pal-o á mesma e não delegar n'um individuo que não alcançara um unico voto.

O sr. Castello Branco, pois, foi no congresso, um intruso; e a assembleia geral do centro que elle disse representar ha de tomar-lhe contas do seu procedimento pouco correcto.

Relativamente ao sr. Branco Malhoa, tenho a dizer que elle nunca pertenceu a este centro.

Será talvez para estranhar que, sendo eu um dos delegados ao congresso, o meu nome não appareça nem na lista dos que votaram pró, nem dos que votaram contra a proposta das transacções.

Explico já o facto:

Conservi-me no congresso até á sessão diurna de domingo; a maneira, porém, pouco correctea e pouco leal, como procederam para comigo, não me danco a palavra em duas sessões consecutivas, isto por saberem que eu me não prestava a tecer panegyricos tolos a qualquer membro do directorio, fizeram com que eu me despedisse do congresso, deixando um officio em que protestava contra a forma porque tinha sido tratado.

No entanto, confesso, se eu suppozesse que as transacções barjonaceas viriam á teta da discussão, teria arrostado com todas as intrigas e facciosismos, e ter-me-hia conservado até ao findar do congresso.

Mas nunca supuz que tal facto se desse, depois do sr. Consiglieri Pedroso ter affirmado, na sessão de sexta-feira, debaixo da sua palavra d'honra, que taes transacções não existiam.

Fica pois provado que nenhum dos delegados do *Centro Republicano do Calvario* sancionou os projectos anti-patrioticos dos burgozes do directorio.

Pedindo-lhe, illustre cidadão, a publicação d'esta carta no periodico que tão dignamente redige, sou, com a maxima consideração,

De v. ex.ª

Correligionario obrig.º

J. Fernandes Alves.

S. C.—Rua da Piedade, 5, 2.º

Sr. redactor do jornal *O Povo de Aveiro*:

Tendo lido no seu ultimo numero do *Povo de Aveiro*, de domingo 7 do corrente, uma relação dos delegados dos clubs e imprensa que no congresso do partido votaram contra a proposta inconveniente do sr. Jacintho Nunes, vejo com admiração o Club José Estevão excluido d'essa relação; e, como delegado d'esse centro no congresso, sou a dizer-lhe que como republicano convicto e intransigente e representando uma collectividade com as mesmas ideias, desejava esclarecer esta omissão, pelo mau effeito que possa produzir.

Fazendo parte da familia trabalhadora, tendo-se prolongado a sessão em que foi apresentada a celebre proposta e não podendo

eu prolongar a minha estada além das 3 da manhã, por me ser impossivel fazer-me substituir no meu trabalho repentinamente, e como me não chegasse a palavra senão a horas a que já não poderia fazer uso d'ella, pude alcançal-a para uma questão previa e declarei bem alto e em tom bem positivo que não podia acceitar semelhante proposta, porque a minha consciencia se negava a isso e porque não acceitava transigencias com monarchicos de especie alguma; por isso declarava que, quando se procedesse á votação, em meu nome e do Club José Estevão votava contra ella e que se exarasse na acta esta minha resolução. Retirava assim com a minha consciencia tranquilla por ter cumprido um dever de genuinamente republicano.

E por isso, sr. redactor, pedialhe que como satisfação ao club que me elegeu, ao cumprimento da verdade e para as pessoas que conhecem as minhas convicções me não julgarem tambem cumplice d'essa ligação, fizesse publicar esta carta n'um proximo numero do seu jornal, o que lhe agradece aquelle que se confessa

Seu dedicado, correligionario e admirador,

Augusto Carlos Ferroira.

S. C., 11 de agosto de 1887.— Travessa dos Inglezinhos, n.º 18, 1.º andar.

## Carta de Lisboa

12 de Agosto.

E' menos falada no publico não politico, e entre os politicos monarchicos, a conversão ao monarchismo dos dirigentes da republica. Contudo, entre os republicanos continua a ser caso para serias discussões e estranhos commentarios. Hontem o *Seculo*, em artigo que se percebia ser do sr. Magalhães Lima, voltava a atacar o sr. D. Luiz de Bragança, repetindo as affirmacões antigas de que seriam impossiveis todas as reformas e baldadas as boas intenções de todos os politicos, porque a tudo el-rei se opporia. No espirito do sr. Magalhães Lima fizeram impressão as contradicções flagrantes em que apanhámos aqui o seu jornal e quiz demonstrar n'aquelle artigo, não só que persiste nas opiniões antigas como que se affasta da evolução dos seus collegas na chefatura republicana e que não está d'accordo com os novos processos dos seus intimos confidentes e amigos, os srs. Jacintho Nunes e Consiglieri Pedroso. Valha-nos Deus, que tudo isto é uma prova de embecillidade e da falta de character dos homens que presidem por desgraça aos destinos d'um partido que era digno de melhor sorte. Se o sr. Magalhães Lima não estava d'accordo, nem apoiava, nem patrocinava as artimanhas dos republicanos, porque não foi, elle membro do directorio e por consequencia com mais responsabilidades de que nenhum, declaralo francamente ao seio do congresso? Não tinha doença que o impedisse de o fazer e ainda que tivesse de se sujeitar a um pequeno sacrificio, pequeno, porque, repetimos, o sr. Magalhães Lima ainda que ande doente não está impossibilitado d'assistir a qualquer reunião, o seu dever de chefe, a sua cathgoria de director do jornal mais tolo mas mais lido do partido, e, acima de tudo, a sua obrigação de republicano era arrostar com tudo para ir ao meio dos seus correligionarios defender os bons principios e repellar todas as tentativas ou manobras d'apostasia pelintra. Mas, perfido, como sempre, preferiu ficar em casa, que era o mais commodo e o que mais se adequava ao seu character. Se as tramoias dos seus collegas triumphassem, elle seria o primeiro a reclamar os fructos do triumpho. Não tinha o redactor do *Seculo*

lo, o sr. Alves Correia, defendendo calorosamente a proposta do sr. Jacintho Nunes? Não tinha esse rapazola, que é hoje o verdadeiro inspirador do papel da rua Formosa, votado a apostasia do directorio? Quem, depois d'isso, poderia duvidar do puritanismo barjonaceo-republicanaceo do sr. Magalhães Lima? Se os dirigentes fossem derrotados, como foram, então o sr. Magalhães Lima que, pelo facto de não assistir ao congresso, estava livre de compromissos perante o publico, seria o primeiro a allegar essa abstenção covarde e indigna para não perder o apoio popular e o primeiro a faltar a todas as combinações particulares arremessando ás feras os seus collegas dirigentes. Assim foi. O *Seculo*, que tantas vezes affirmou que não havia outros processos para combater a monarchia senão a intransigencia e a revolução, era o mesmo *Seculo* que a semana passada defendia calorosamente os processos diferentes do sr. Jacintho Nunes. O *Seculo*, que em tantos annos nunca cessou d'apregoar que todas as concessões da monarchia seriam uma burla, era o mesmo *Seculo* que advogava na semana que passou a necessidade de se recorrer, para o partido republicano avançar, ás concessões dadas e approvadas pelo rei. Mas o *Seculo* da semana passada era o *Seculo* que já hontem dizia o contrario do que disse ha oito. Entretanto o sr. Alves Correia, que no congresso defendeu e votou a proposta do sr. Jacintho Nunes, é da mesma forma o primeiro redactor do *Seculo*; e o sr. Magalhães Lima, que teve o seu immediato a defender e a votar a proposta no congresso e a defender no jornal as concessões da monarchia, é o mesmo director do *Seculo* na melhor harmonia com o redactor cujas opiniões combateu hontem no papel da rua Formosa. Isto é serio? Não; isto é uma cambada, isto é uma sucia de ciganos. E é essa cambada que espesinha dia a dia o prestigio da politica democratica e essa a sucia que faz com que a opinião sensata e honrada do paiz olhe o partido republicano como um bando de trapilhas.

O caracter, o caracter! Se o povo tivesse olhado mais para o caracter dos seus chefes do que para as suas declamações postizas, não soffreria as decepções que está soffrendo a todos os instantes. O caracter é a base da moral e sendo a base da moral é a base da politica. Mas os falsarios, para burlarem a opinião e cegarem a boa ingenuidade popular, tem vindo gritando ao povo: — que o homem é um e o funcionario é outro. E o povo acreditou esse nefastissimo principio, como geralmente acredita todos os principios maus com a facilidade equivalente á teima com que repelle os principios bons!

Se o povo attentasse mais nos homens do que nas babozeiras de comicio e de jornal, teria visto de ha muito a incompatibilidade das suas aspirações com os Magalhães Limas, os Pedrosos, os Garcias, os Nunes e quejandos. Nunca poderia ser bom republicano aquelle que, como o sr. Magalhães Lima, reclamou candidaturas monarchicas do sr. Dias Ferreira e de Osorio de Vasconcellos, depois de ter feito discursos republicanos e de ter escripto pamphletos socialistas. Nunca poderia ser bom republicano aquelle que sendo eleito pelos suffragios republicanos nunca teve pulso, como o sr. Elias Garcia, para erguer na camara a bandeira democratica nem voz para affirmar os principios dos seus constituintes. Nunca deveria merecer toda a confiança popular aquelle que, sem perder ensejo de falar contra os ministerios, como o sr. Consiglieri, falava muito pouco contra a monarchia e ainda menos pelas reivindicações da massa. Se o povo fosse menos creança teria mais

olhos para ver e mais ouvidos para ouvir. Mas como é e ha de ser a creança eterna, que vá levando açoites formidaveis. O sr. Jacintho Nunes, o puritano, o serio! Eu lhes conto um incidente, que lhes pode dar alguma luz sobre as verdadeiras intenções que lhe presidiram á proposta.

Antes das ultimas eleições correu muito em Lisboa que o sr. Jacintho Nunes tinha feito um accordo eleitoral com o governo á custa d'um julgado municipal para a sua terra e d'uma estrada que lhe beneficiava as propriedades. Procurámos informações a tal respeito e obtivemo-las seguras. N'essas condições, demos a noticia n'uma correspondencia para o *Povo de Aveiro*. Entremettes, o sr. Jacintho Nunes veio a Lisboa e disse a dois cavalheiros, que m'o transmitiram, que tinha sido calumniado por mim, por isso que não tinha feito accordo algum com o governo como as proximas eleições o provariam. Fiquei pasmado, por isso que, como já disse, as minhas informações eram seguras. Tomei o expediente d'escrever ao sr. Jacintho Nunes. Dizia-lhe que—tendo-me os srs. F. e S. repetido o seu desmentido e não desejando caluniar ninguém, lhe pedia me dissesse categoricamente se era verdade ou não ter feito qualquer accordo com o governo, tomando como confirmação do accordo a falta de resposta áquella carta. Punha-o, por consequencia, entre a espada e a parede. Tinha de responder por força. Acrescentava eu que não sendo verdade desejava rectificar as minhas affirmações e harmonisar n'esse sentido a minha conducta no periodo eleitoral, já que sua excellencia era um dos candidatos. O sr. Jacintho Nunes respondeu que era verdade ter feito o accordo com o governo, mas accordo que estava desfeito áquella data. Que não era, porém certo, ter imposto ao governo qualquer beneficio para si. Vejam, vejam! O accordo tinha-se feito, mas tinha-se desfeito. De forma que vinham as eleições, como o accordo estava desfeito Grandola apparecia com a votação republicana do costume e quem ficava por mentiroso era eu. Por isso o sr. Jacintho Nunes me ia chamando calumniador e declarando aos meus amigos que não tinha feito accordo algum com o governo!

Se eu tinha algumas illusões sobre o sr. Jacintho Nunes, confesso que as perdi todas n'esse dia. E por isso pode elle vir com as interpretações que quizer á sua proposta, que eu nunca deixarei de ver as cousas, não como elle as diz, mas como ellas forem mais racionais e mais sensatas.

Ahi tem o povo. Se o povo confrontasse todos estes factos, veria que tinha razão para ser menos credulo e mais desconfiado. Não disse, por exemplo, o sr. Consiglieri no congresso, antes de apparecer a proposta Jacintho, que não havia combinações nenhuma com os monarchicos? Não deu a sua palavra de honra a tal respeito? Pois mentiu; pois faltou a ella sem vergonha. E' impossivel, inteiramente impossivel, que o sr. Jacintho Nunes apresentasse uma proposta em termos tão ambiguos como a sua sem que houvesse qualquer combinação anterior. Isso nem precisa commentarios.

Sejam, pois, cautelosos de futuro se quizerem.

## Carta da Bairrada

Agosto, 6.

Estamos entrados no mez dos grandes calores que, se vierem acompanhados d'algumas chuvas, apressarão a maturação das uvas e farão abreviar a epoca das vindimas. D'aqui a um mez, com pequena variante, teremos começado o corte das uvas na região vinicola da Bairrada.

E a colheita?—perguntar-se-ha.

A colheita não se apresenta mal figurada. Se o calor d'agosto não fór excessivo, teremos uma novidade que será regular em quantidade e boa em qualidade, isto se o corte se fizer por tempo enxuto, e depois de atingido o periodo de completa maturação dos cachos. Na verdade, as vinhas onde a phyloxera não tem feito estragos, estão muito vigorosas e com o fructo bem creado. Animam o viticultor a tratá-las com esmero.

Nada sabemos n'este momento quanto ao estado da pretensão dos proprietarios da Mealhada que reclamam ha tempo uma nova inspecção aos seus vinhedos. Como dissemos na nossa ultima carta, a inspecção deverá fazer-se, mas por enquanto ignoramos a epoca em que se executará. O que estimaremos é que os resultados da inspecção aproveitem aos viticultores, descobrindo-lhes a marcha da doença e estimulando-os para os meios de combate. Quem a tempo tratar as suas vinhas, pôde ir vivendo com os estragos phyloxericos. Quem as abandonar, fica sem vinhas e sem vinho. Isto é hoje indiscutivel.

Não ha, por agora, noticias de interesse a referir. A Bairrada atravessa um periodo de amortecimento, proprio da quadra estival em que se procuram as aguas thermaes e os banhos de mar. Vamos tambem veraneiar um pouco e abriremos um interregno n'estas nossas cartas, deixando em paz por algum tempo os homens e as coisas que nos têm dado assumpto para estas palestras semanaes.

## NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

## AOS SRS. ASSIGNANTES

Aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas, a quem enviamos cartas, pedimos o favor de nos responderem com a maior brevidade ás mesmas, o que desde já agradecemos:

Arruda das Vinhas, Alverca, Angeja, Cereal, Costa de Vallade, Bixo, Ilhavo, Palhaça, S. Bernardo, Sepins, Vagos e Verdemiho.

O nosso amigo sr. Francisco de Pinho Guedes Pinto, que n'estes ultimos tempos tem sentido grandes allivios nos seus padecimentos, partiu na quarta-feira para a Costa Nova do Prado, onde vaee fazer uso de banhos do mar.

Na terça-feira, por volta das 10 horas e meia da manhã, desencadeou-se sobre esta cidade e povoações visinhas uma formidavel trovada, que deixou tristes vestigios da sua passagem.

Em Sá, n'uma quinta proxima ao quartel de cavallaria 10, cahiu uma faisca, que incendiou uma meda de palha, consumindo-a quasi toda. O dono, que na occasião passava com um carro tirado a bois muito proximo do sítio onde a faisca cahiu, não soffreu nada nem os bois, porém um cão que seguia atraz do carro ficou morto.

Na Gafanha tambem cahiu uma faisca, que fez alguns estragos.

Na Vista-Alegre andavam tres pobres homens a trabalhar no madeiramento d'uma casa pertencente ao edificio da fabrica, quando cahiu uma faisca que matou um d'elles e assombrou os dois restantes, que se acham muito

doentes, arremessando-os a uma grande distancia. O infeliz morto lançava sangue pela bocca e pelo nariz, não tendo nenhuma queimadura no corpo. Deixa orphãos tres innocentinhos.

Na Costa de Vallade uma faisca entrou pelo mirante d'uma casa e escavacou algumas janelas e uma porta, e quebrou duas vidraças.

Tambem n'uma capella de Vagos cahiu uma faisca que derrubou a cruz que encimava a fachada da mesma, abrindo uma grande fenda n'uma das paredes.

Falleceu no domingo passado na villa de Ilhavo o sr. dr. Luiz dos Santos Regalla, que exerceu por diferentes vezes diversos cargos publicos n'aquelle concelho. Contava 89 annos de idade.

O nosso pezame a toda a sua familia.

Um mariola que appareceu ali para os lados de Sá a pedir agasalho, introduziu-se na manhã de quinta-feira na casa d'uma pobre familia, quando esta tinha sahido, e subtrahiu d'alli um casaco, uma guitarra e 1\$300 réis em dinheiro. Una leiteira que o viu entrar para alli, foi prevenir a dona da casa, e pouco depois era o meliante agarrado proximo á estação.

Conduzido á esquadra, dizem-nos que lhe foi alli encontrada, além do roubo, a quantia de réis 6\$000, mettida entre as meias e as botas.

Que marau!...

Anda-se a proceder á limpeza da nossa ria, entre a ponte do Côjo e a da Doadoura. Na baixamar a vasa ficava a descoberto, o que tornava da maior necessidade remover os detritos putrefactos que alli ficavam expostos aos raios do sol.

A obra, portanto, a que agora se procede era já de ha muito reclamada como uma importante medida de hygiene publica.

N'estes ultimos dias tem havido em Chaves um calor intensissimo. Os soldados de infantaria 19 têm sido victimas d'este tempo. Nas formaturas cahem como torcos.

Na segunda-feira um soldado asphyxiado pelo calor, cahiu sem sentidos; minutos depois era conduzido na maca para o hospital reunido, e no dia seguinte acabava o resto dos seus dias.

Na escola régia, onde concorrem mais de 200 rapazes, tambem têm adoecido alguns alumnos.

Morreu em Vizeu o director da typographia do governo civil, João Lacerias, que imitava as vozes de diversas cavalgaduras, sobretudo a dos burros.

Um jornal d'aquella cidade explica-se nos seguintes termos:

«Era um bom homem, muito estimado e digno de o ser.

Nunca estava triste. Tinha sempre um dito engraçado para todas as situações.

Quando andou na patuleia não poucas vezes serviu para vencer difficuldades importantes. O povo escondia as cavalgaduras para evitar que lh'as embargassem para transportes, etc. Pois João Lacerias, que sabia zurrar perfeitamente, tão bem o fazia que os verdadeiros, d'onde estavam, nunca deixaram de lhe corresponder, e assim descobriam o seu paradeiro.»

Vive na Regoa uma mulher de nome Josepha Bernarda, que conta 102 annos de idade e ainda fia linho, faz serviços domesticos e percorre em diferentes dias e sem fadiga as ruas da villa, implorando a caridade publica.

Conserva todas as suas faculdades intellectuaes, não usa oculos, diz que nunca esteve doente e conta com bastante graça alguns episodios da invasão franceza, de que se recorda perfeitamente.

Casou tres vezes e é viuva, não tendo descendentes.

Tambem reside na Praia da Nazareth um velhinho chamado José João, que conta a bagatella de 108 annos, feitos em dezembro de 1885.

Ha trinta e dois annos que enviuvou, ficando-lhe 14 filhos, dos quaes só dois são vivos.

Este octogenario respeitavel, conserva ainda todas as suas faculdades intellectuaes.

Passeia amiudadas vezes pela beira-mar sem auxilio de bordão.

Na segunda-feira de tarde esteve dominante sobre a villa de Alemquer uma forte trovada, que felizmente não causou prejuizo algum; mas em Meca, onde havia festa e arraial, cahiu uma faisca junto á igreja, matando instantaneamente um homem e lançando por terra umas nove pessoas, não se sabendo por ora se alguma morreu tambem.

Em Lagos grassa com intensidade a epidemia da variola, sendo grande o numero de victimas mesmo em adultos.

Em S. Martinho do Lago, José Joaquim Soares desárrregou uma enchadada em seu paiz, o abastado lavrador Thomaz José Soares, e por pouco que lhe derubou o braço direito.

Somma e segue.

Vae ser introduzido o casamento civil obrigatorio na Hungria. O respectivo governo propõe-se submeter ao reichstag um projecto de lei para esse fim.

Quando ha dias em um logar do concelho da Batalha, andavam uns trabalhadores a encaminhar agua para uma mina, avisou-os o proprietario que tivessem todo o cuidado, pois que a mina principiara a abrir e não tardaria que estivesse em terra.

Vendo os homens que a derrocada estava imminente, trataram de se safar.

Um, porém, para se dar ares de valente, ficou e disse, trocando para os companheiros, que se punham a bom recato:

—Ora, os medrosos!

Palavras, porém, não eram ditas a mina abatia, soterrando o imprudente.

Foram rapidos os socorros, mas retiraram-o já cadaver.

Dizem de Guimarães que o preço do vinho desceu bastante n'aquelle concelho. Uma pipa que ha dois mezes custava 18\$000 réis, tira-se hoje por menos dois ou tres mil réis.

As causas d'esta baixa são: a falta de procura para a exportação, estando ainda cheias algumas adegas, e a promessa d'uma abundante colheita.

Falleceu em Faro o sr. Saul Cagi, pae do sr. Mosés Cagi, acreditado negociante hebeu, da praça de Albufeira. Contava a avancada idade de 117 annos.

## DESPEDIDA

SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.ª, tendo retirado para a praia de Espinho, onde foram abrir a filial da sua casa de modas, na forma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquella praia, onde se conservarão por toda a epoca balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.ª

## BIBLIOGRAPHIA

Historia de Victor Hugo. —Sahiu o 17.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 3 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Camões. — Recebemos o n.º 6 d'este semanario de litteratura e sciencias, que se publica no Porto, e de que é administrador o sr. A. Guimarães.

Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 32 d'este magnifico jornal de modas, o unico, que em lingua portugueza se publica semanalmente em Pariz, sendo d'alli expedido directamente a todos os seus assignantes.

PUBLICAÇÕES

ANGELINA VIDAL

A PROVOCAÇÃO

CARTA AO REI

A proposito do conflicto parlamentar entre o ex-ministro da marinha e o deputado Ferreira d'Almeida. — Preço 60 réis.

BIBLIOTHECA DA MOÇIDADE. — Director, — Francisco Silva, — Travessa da Espera, 63—Lisboa.

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 15 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de CLAVEL & C.ª

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

O Camões

SEMANARIO

Romances, contos, viagens, sciencias ao alcance de todos, curiosidades, anedotas, charadas, poesias, actualidades, biographias, revistas de theatro, criticas litterarias, humorismos, cousas uteis, narrativas historicas, leituras de familia, moral e religião, educação, progressos artisticos, maravilhas da industria, commemorações patrias, descrições de monumentos, antigualhas, usos e costumes estrangeiros.

Cada numero consta de quatro paginas, a tres columnas, bom papel e typo. Publica-se aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, é de 18000 réis por anno, 500 réis por semestre e 250 réis por trimestre; para a provincia, 13200 réis por anno, 600 réis por semestre e 300 réis por trimestre. Numero avulso, 20 réis; fóra do dia, 40 réis.

Aos srs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a commissão do costume, responsabilizando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escrptorio da administração, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

Tambem se recebem assignaturas na Livraria Chardon, Lugan & Genelioux, successores, rua, dos Clerigos, 96—Porto.

GUIA DO NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR POR EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 48 e 20.—Porto.

INSTRUÇÃO PUBLICA

Os exames de admissão aos lycens

SEGUNDO OS PROGRAMMAS

DE Instrução primaria complementar

Publicados no «Diario do Governo» de 28 de julho de 1887. Com as rectificações feitas no mesmo «Diario» de 30 de julho do corrente anno. — (Transcripção fiel do «Diario do Governo»

PREÇO 100 RÉIS

A VENDA na Typographia Luzo-Brazileira, editora—5, Pateo do Aljube, 5—Lisboa.

A MARTYR

POR EMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A' sorte pela loteria — 1000000 réis em 3 premios para o que receberam os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra—Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

PROPAGANDA REVOLUCIONARIA

A bancarrota ou a republica?

Verdades amargas ao povo

POR

Paulo da Fonseca

Summario:—I. O dia terrivel; II. A monarchia e a Republica; III. A Republica é a ordem; IV. A eterna farga constitucional; V. A burlada reformas politicas; VI. A onda sobe; VII. Evolução ou revolução?

Acha-se á venda em todos os kiosques e livrarias de Lisboa. Commissão vantajosa de 30 por cento aos vendedores. Pedidos e requisições das provincias, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio, dirigidos ao auctor, rua da Arrabida, 64, 1.º—LISBOA.

Preço 100 réis

NOITES ROMANTICAS

EMPREZA EDITORA

F. N. Colares.



80 réis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 49.

PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS

THEOPHILO BRAGA:— Historia das Ideias Republicanas em Portugal, desde 1640 até hoje, 600 rs. Soluções Positivas da Politica Portugueza, 3 vols., 620 rs. Curso de Historia da Litteratura Portugueza, 13500 rs. Miragens Seculares, poesia revolucionaria, 800, cart. para brinde 15000 rs.

TEIXEIRA BASTOS:—Programma Federalista radical, 60 réis. A Marselheza, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. Conte e o Positivismo, 200 rs. Catholicismo republicano para uso do povo, 120 rs. Vibrações do Seculo, poesia revolucionaria, 600 rs.

CARRILHO VIDEIRA:—Liberdade de consciencia e o juramento catholico, 120 rs. A Questão social, as Bodas Reaes e o Congresso Republicano, 100 rs. Almanach Republicano para 1866, XII anno, 120 réis.

PAULO ANGULO:— Os assassinos de Prim e a politica em Hespania, 300 rs. BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS:—Obras de Drapper, Lubbah, Wurtz, Litrté, Schmidt, Sylor, Moleschatt, etc, 1.ª serie cart. 700 rs., os 10 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scientifica e republicana, allegorias da republica e retractos dos grandes homens. Envia-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte a Carrilho Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria, Lisboa.

ANNUNCIOS

VENDA DE CASAS

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem saída para a rua do Roxo. Quem a pretender falle na mesma com o dono. Francisco Augusto Duarte.

ANGELO DA ROSA LIMA

COM

OFFICINA E DEPOSITO DE NOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

BILHAR

Vende-se um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, tres bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou insecção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e conducção para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, faz e vende guarda-sol de todas as qualidades. concertam-se e cobrem-se com seccionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimos.